

Desenvolvimento de metodologia para avaliação individual e coletiva de agroflorestas implementadas por agricultores familiares do Alto Vale do Ribeira

Walter Steenbock¹ (walter.steenbock@gmail.com), Rodrigo Ozelame da Silva² (rodrigoozelame@gmail.com), Carlos Eduardo Seoane³ (eduardo@cnpf.embrapa.br), Luis Cláudio Maranhão Froufe³ (luisao@cnpf.embrapa.br)

1) Floresta Nacional do Açungui/PR, ICMBio, 2) Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis/Cooperafloresta, 3) Centro Nacional de Pesquisas em Florestas, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/EMBRAPA

Na região do Alto Vale do Rio Ribeira (PR/SP), 112 famílias de agricultores vêm implementando agroflorestas (AFs) como prática produtiva principal, em um processo que tem gerado significativo aumento de renda e, ao mesmo tempo, recuperação de áreas degradadas pela agricultura convencional. Tais famílias são associadas à Cooperafloresta (Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis), instituição que atua no desenvolvimento técnico, organizativo e econômico junto aos associados, tendo os sistemas agroflorestais como foco principal. Em relação à capacitação dos agricultores, as atividades têm sido organizadas em sete setores, que envolvem, cada um, um conjunto de bairros ou comunidades. Mensalmente, as famílias de cada setor se reúnem em uma propriedade, para oficinas de capacitação. Considerando este processo, foi desenvolvido um método para avaliação individual e coletiva de AFs, adaptando-se a metodologia MVS (Meios de Vida Sustentáveis). Em sete oficinas (uma em cada setor), durante as atividades foi proposto que os envolvidos identificassem critérios que caracterizam “uma boa agrofloresta (AF)”, considerando AFs como glebas das propriedades em que se implantaram plantios e manejos agroflorestais envolvendo intervenções típicas, a partir de data determinada. Tais critérios foram discutidos em grupo, hierarquizados por priorização coletiva e sistematizados. No conjunto dos sete setores, foram identificados 32 critérios (excluindo-se os critérios repetidos ou com o mesmo significado). Analisando o significado dos mesmos, foi possível agrupá-los em cinco eixos: (1) critérios relacionados ao manejo (“área completa”, “vários andares na AF”, “bom manejo das podas”, entre outros), (2) critérios relacionados à biodiversidade (“bastante variedade”, “produção diversificada”, “diversidade de bichos”, entre outros), (3) critérios relacionados ao “cuidado e carinho” (“gostar do trabalho”, “cuidar das plantas dos companheiros como se fosse a própria”, “vontade de plantar”, “grupo reunido”, entre outros), (4) critérios relacionados à “terra boa” (“terra fofa, solta, cheia de adubo”, “cheiro de tatu”, entre outros) e (5) critérios relacionados à produção. Considerando-se o conjunto das oficinas, os critérios relacionados ao manejo e à biodiversidade foram os mais priorizados, seguidos dos critérios relacionados à “terra boa”, “cuidado e carinho” e “produção”, nesta ordem. Nos eventos de capacitação subseqüentes a estas oficinas, está se propondo a avaliação pessoal/familiar de cada AF a partir dos eixos formados pelos critérios propostos para uma boa AF. Cada indivíduo ou família hierarquiza, em pontuação variando de 0 a 5, como cada uma de suas AFs se relaciona a cada um dos 5 eixos de critérios. Para tanto, para cada AF a ser analisada, cada agricultor ou família recebe um papel com os eixos de critérios, representados graficamente por retas de igual comprimento, graduadas de 0 e 5 e dispostas a partir de um ponto comum, formando, em conjunto, uma estrela de 5 braços. O ponto 0 de cada eixo é o ponto comum entre os mesmos, e o ponto 5 é o ponto mais distante do centro da “estrela”, em cada eixo. Após a pontuação em cada eixo, ligam-se, por retas, os pontos dados, formando uma nova estrela. Quanto maior e mais harmônica a estrela desenhada após esta ligação, mais próximo de “uma boa agrofloresta” a AF sob análise se encontra. Após o desenho das “estrelas”, cada AF é discutida em grupo. O método permite identificar quais os conjuntos de critérios que devem ser melhor trabalhados em cada AF, por cada agricultor e pelo grupo, em mutirões, caracterizando-se como uma ferramenta útil à gestão das propriedades. Por outro lado, permite uma discussão e avaliação coletiva dos elementos que devem ser melhor trabalhados nos processos de capacitação, bem como possibilita selecionar diferentes AFs para diferentes fins de pesquisa ou capacitação. Até a presente data (julho/2011) foram realizados três eventos para esta avaliação, em três setores.



Diagnóstico da mastofauna de médio e grande portes da Floresta Nacional do Jamari – RO

Luide Lemos Santos¹ (luide_lemos@hotmail.com), Beatriz de Melo Beisiegel² (cincobichos@gmail.com), Marcos de Souza Fialho³ (msfialho@yahoo.com.br), Alyson Diaz Koester⁴ (akoester-_br@yahoo.com)

1) Bolsista Pibic - Floresta Nacional do Jamari, 2) Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros-ICMBio, 3) Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros-ICMBio, 4) Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos

A Floresta Nacional (Flona) do Jamari, localizada no município de Itapuã do Oeste, no Estado de Rondônia, teve seu plano de manejo publicado no ano de 2005 e em 2008 se tornou a primeira Flona brasileira sob regime de concessão florestal. O objetivo principal deste trabalho foi avaliar o impacto da exploração madeireira sobre a